

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes,  
mas não esqueço de que a minha vida é a maior empresa do mundo.  
E que posso evitar que ela vá a falência.  
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver apesar de todos os desafios,  
incompreensões e períodos de crise.  
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e  
se tornar um autor da própria história.  
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar  
um oásis no recôndito da sua alma.  
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.  
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.  
É saber falar de si mesmo.  
É ter coragem para ouvir um 'não'. É ter segurança para receber uma  
crítica, mesmo que injusta.  
Pedras no caminho?  
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

*Fernando Pessoa*

**O poema**

O poema me levará no tempo  
Quando eu já não for eu  
E passarei sozinha  
Entre as mãos de quem lê  
O poema alguém o dirá  
Às searas  
Sua passagem se confundirá  
Como rumor do mar com o passar do vento  
O poema habitará  
O espaço mais concreto e mais atento  
No ar claro nas tardes transparentes  
Suas sílabas redondas  
(Ó antigas ó longas  
Eternas tardes lisas)  
Mesmo que eu morra o poema encontrará  
Uma praia onde quebrar as suas ondas  
E entre quatro paredes densas  
De funda e devorada solidão  
Alguém seu próprio ser confundirá  
Com o poema no tempo

*Sophia de Mello Breyner, Livro Sexto (1962)*

Hoje venho dizer-te que nevou  
no rosto familiar que te esperava.  
Não é nada, meu amor, foi um pássaro,  
a casca do tempo que caiu,  
uma lágrima, um barco, uma palavra.  
Foi apenas mais um dia que passou  
entre arcos e arcos de solidão  
a curva dos teus olhos que se fechou,  
uma gota de orvalho, uma só gota,  
secretamente morta na tua mão.

*Eugénio de Andrade*

O amor é o amor  
O amor é o amor - e depois?!  
Vamos ficar os dois  
a imaginar, a imaginar?..

O meu peito contra o teu peito,  
cortando o mar, cortando o ar.  
Num leito  
há todo o espaço para amar!

Na nossa carne estamos  
sem destino, sem medo, sem pudor,  
e trocamos - somos um? somos dois? -  
espírito e calor!  
O amor é o amor - e depois?!

*Alexandre O'Neill*

Pretextos para fugir do real  
A uma luz perigosa como água  
De sonho e assalto  
Subindo ao teu corpo real  
Recordo-te  
E és a mesma  
Ternura quase impossível  
De suportar  
Por isso fecho os olhos  
(O amor faz-me recuperar incessantemente o poder da  
provocação. É assim que te faço arder triunfalmente  
onde e quando quero. Basta-me fechar os olhos)  
Por isso fecho os olhos  
E convido a noite para a minha cama  
Convido-a a tornar-se tocante  
Familiar concreta  
Como um corpo decifrado de mulher  
E sob a forma desejada  
A noite deita-se comigo  
E é a tua ausência  
Nua nos meus braços

\*

Experimento um grito  
Contra o teu silêncio  
Experimento um silêncio  
Entro e saio  
De mãos pálidas nos bolsos

*Alexandre O'Neill*

Poema da flor proibida  
Por detrás de cada flor  
há um homem de chapéu de coco e sobrolho carregado.

Podia estar à frente ou estar ao lado,  
mas não, está colocado  
exactamente por detrás da flor.  
Também não está escondido nem dissimulado,  
está dignamente especado  
por detrás da flor.

Abro as narinas para respirar  
o perfume da flor,  
não de repente  
(é claro) mas devagar,  
a pouco e pouco,  
com os olhos postos no chapéu de coco.

Ele ama-me. Defende-me com os seus carinhos,  
protege-me com o seu amor.  
Ele sabe que a flor pode ter espinhos,  
ou tem mesmo,  
ou já teve,  
ou pode vir a ter,  
e fica triste se me vê sofrer.

Transmito um pensamento à flor  
sem mover a cabeça e sem a olhar  
De repente,  
como um cão cínico arreganho o dente  
e engulo-a sem mastigar.

*António Gedeão*

Como dizer o silêncio?  
Se em folhagem de poema  
me catais anacolutos  
é vossa a fraude. A gema  
não desce a sons prostitutas.

O saltério, diletante,  
fere a Musa com um jasmim?  
Só daí para diante  
da busca estará o fim.

Aberta a porta selada,  
sou pensada já não penso.  
Se a Musa fica calada  
como dizer o silêncio?

Atirar pérola a porco?  
Não me queimo na parábola.  
Em mãos que brincam com o fogo  
é que eu não ponho a espada.

Dos confins, o peristilo  
calo com pontas de fogo,  
e desse casto sigilo  
versos são só desafogo.

E também para que me lembrem  
deixo-os no mercado negro,  
que neles glórias se vendem  
e eu não sou só desapego.

Raiz de Deus entre os dentes,  
aí, pára a transmissão.  
Ultra-sons dessas nascentes  
só aves entenderão.

*Natália Correia*

O sol nas noites e o luar nos dias  
De amor nada mais resta que um Outubro  
e quanto mais amada mais desisto:  
quanto mais tu me despes mais me cubro  
e quanto mais me escondo mais me avisto.

E sei que mais te enleio e te deslumbro  
porque se mais me ofusco mais existo.  
Por dentro me ilumino, sol oculto,  
por fora te ajoelho, corpo místico.

Não me acordes. Estou morta na quermesse  
dos teus beijos. Etérea, a minha espécie  
nem teus zelos amantes a demovem.

Mas quanto mais em nuvem me desfaço  
mais de terra e de fogo é o abraço  
com que na carne queres reter-me jovem.

Natália Correia

Floriram por engano as rosas bravas  
Floriram por engano as rosas bravas  
No Inverno: veio o vento desfolhá-las...  
Em que cismas, meu bem? Porque me calas  
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...  
Onde vamos, alheio o pensamento,  
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento  
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve,  
Surda, em triunfo, pétalas, de leve  
Juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!  
Quem as esparze - quanta flor! - do céu,  
Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?

*Camilo Pessanha*

Que música escutas tão atentamente  
Que música escutas tão  
atentamente  
que não dás por mim?  
Que bosque, ou rio, ou mar?  
Ou é dentro de ti  
que tudo canta ainda?  
Queria falar contigo,  
dizer-te apenas que estou aqui,  
mas tenho medo,  
medo que toda a música cesse  
e tu não possas mais olhar as rosas.  
Medo de quebrar o fio  
com que teces os dias sem memória.  
Com que palavras  
ou beijos ou lágrimas  
se acordam os mortos sem os ferir,  
sem os trazer a esta espuma negra  
onde corpos e corpos se repetem,  
parcimoniosamente, no meio de sombras?  
Deixa-te estar assim,  
ó cheia de doçura,  
sentada, olhando as rosas,  
e tão alheia  
que nem dás por mim.

*Eugénio de Andrade*

As velas da memória  
Há nos silvos que as manhãs me trazem  
chaminés que se desmoronam:  
são a infância e a praia os sonhos de partida

Abrir esse portão junto ao vento que a vida  
aquém ou além desta me abre?  
Em que outro mundo ouvi o rouxinol  
tão leve que o voo lhe aumentava as asas?  
Onde adiava ele a morte contra os dias  
essa primeira morte?  
Vinham núpcias sem conto na inconcebível voz  
Que plenitude aquela: cantar  
como quem não tivesse nenhum pensamento.

Quem me deixou de novo aqui sentado à sombra  
deste mês de junho? Como te chamas tu  
que me enfunas as velas da memória ventilando: «aquela vez...»?

Quando aonde foi em que país?  
Que vento faz quebrar nas costas destes dias  
as ondas de uma antiga música que ouvida  
obriga a recuar a noite prometida  
em círculos quebrados para além das dunas  
fazendo regressar rebanhos de alegrias  
abrindo em plena tarde um espaço ao amor?  
Que morte vem matar a lábil curva da dor?  
Que dor me faz doer de não ter mais que morrer?

E ouve-se o silêncio descer pelas vertentes da tarde  
chegar à boca da noite e responder

*Ruy Belo*

Deixarei os jardins a brilhar com seus olhos  
Deixarei os jardins a brilhar com seus olhos  
detidos: hei-de partir quando as flores chegarem  
à sua imagem. Este verão concentrado  
em cada espelho. O próprio  
movimento o entenebrece. Mas chamejam os lábios  
dos animais. Deixarei as constelações panorâmicas destes dias  
internos.

Vou morrer assim, arfando  
entre o mar fotográfico  
e côncavo  
e as paredes com as pérolas afundadas. E a lua desencadeia nas grutas  
o sangue que se agrava.

Está cheio de candeias, o verão de onde se parte,  
ígneo nessa criança  
contemplada. Eu abandono estes jardins  
ferozes, o génio  
que soprou nos estúdios cavados. É a cólera que me leva  
aos precipícios de agosto, e a mansidão  
traz-me às janelas. São únicas as colinas como o ar  
palpitante fechado num espelho. É a estação dos planetas.  
Cada dia é um abismo atómico.

E o leite faz-se tenro durante  
os eclipses. Bate em mim cada pancada do pedreiro  
que talha no calcário a rosa congenital.  
A carne, asfixiam-na os astros profundos nos casulos.  
O verão é de azulejo.  
É em nós que se encurva o nervo do arco  
contra a flecha. Deus ataca-me  
na candura. Fica, fria,  
esta rede de jardins diante dos incêndios. E uma criança  
dá a volta à noite, acesa completamente  
pelas mãos.

*Herberto Helder*

### Coração Polar I

Não sei de que cor são os navios  
quando naufragam no meio dos teus braços  
sei que há um corpo nunca encontrado algures no mar  
e que esse corpo vivo é o teu corpo imaterial  
a tua promessa nos mastros de todos os veleiros  
a ilha perfumada das tuas pernas  
o teu ventre de conchas e corais  
a gruta onde me esperas  
com teus lábios de espuma e de salsugem  
os teus naufrágios  
e a grande equação do vento e da viagem  
onde o acaso floresce com seus espelhos  
seus indícios de rosa e descoberta.  
Não sei de que cor é essa linha  
onde se cruza a lua e a mastreação  
mas sei que em cada rua há uma esquina  
uma abertura entre a rotina e a maravilha .  
há uma hora de fogo para o azul  
a hora em que te encontro e não te encontro  
há um ângulo ao contrário  
uma geometria mágica onde tudo pode ser possível  
há um mar imaginário aberto em cada página  
não me venham dizer que nunca mais  
as rotas nascem do desejo  
e eu quero o cruzeiro do sul das tuas mãos  
quero o teu nome escrito nas marés  
nesta cidade onde no sítio mais absurdo  
num sentido proibido ou num semáforo  
todos os poentes me dizem quem tu és.

*Manuel Alegre (n. 1936)*

O poeta chorava...  
O poeta chorava  
o poeta buscava-se todo  
o poeta andava de pensão em pensão  
comia mal tinha diarreias extenuantes  
nelas buscava Uma estrela talvez a salvação?  
O poeta era sinceríssimo  
honesto  
total  
raras vezes tomava o eléctrico  
em podendo  
voltava  
não podendo  
ver-se-ia  
tudo mais ou menos  
a cair de vergonha  
mais ou menos  
como os ladrões

E agora o poeta começou por rir  
rir de vós ó manutensores  
da afanosa ordem capitalista  
comprou jornais foi para casa leu tudo  
quando chegou à página dos anúncios  
o poeta teve um vómito que lhe estragou  
as únicas que ainda tinha  
e pôs-se a rir do logro é um tanto sinistro  
mas é inevitável é um bem é uma dádiva

Tirai-lhe agora os poemas que ele próprio despreza  
negai-lhe o amor que ele mesmo abandona  
caçai-o entre a multidão  
crucificai-o de novo mas com mais requinte.  
Subsistirá. É pior do que isso.  
Prendei-o. Viverá de tal forma  
que as próprias grades farão causa com ele.  
E matá-lo não é solução.  
O poeta  
O Poeta  
O POETA DESTROI-VOS

Mário Cesariny

**O horizonte das palavras** Sem direcção, sem caminho  
escrevo esta página que não tem alma dentro.  
Se conseguir chegar à substância de um muro  
acenderei a lâmpada de pedra na montanha.  
E sem apoio penetro nos interstícios fugidios  
ou enuncio as simples reiteraões da terra,  
as palavras que se tornam calhaus na boca ou nos meus passos.  
Tentarei construir a consistência num adágio  
de sílabas silvestres, de ribeiros vibrantes.  
E na substância entra a mão, o balbucio branco  
de uma língua espessa, a madeira, as abelhas,  
um organismo verde aberto sobre o mar,  
as teclas do verão, as indústrias da água.  
Eu sou agora o que a linguagem mostra  
nas suas verdes estratégias, nas suas pontes  
de música visual: o equilíbrio preenche os buracos  
com arcos, colinas e com árvores.  
Um alvor nasceu nas palavras e nos montes.  
O impronunciável é o horizonte do que é dito.

*António Ramos Rosa*

### Meu coração tardou

Meu coração tardou. Meu coração  
Talvez se houvesse amor nunca tardasse;  
Mas, visto que, se o houve, houve em vão,  
Tanto faz que o amor houvesse ou não.  
Tardou. Antes, de inútil, acabasse.

Meu coração postiço e contrafeito  
Finge-se meu. Se o amor o houvesse tido,  
Talvez, num rasgo natural de eleito,  
Seu próprio ser do nada houvesse feito,  
E a sua própria essência conseguido.

Mas não. Nunca nem eu nem coração  
Fomos mais que um vestígio de passagem  
Entre um anseio vão e um sonho vão.  
Parceiros em prestidigitação,  
Caímos ambos pelo alçapão.  
Foi esta a nossa vida e a nossa viagem.

*Fernando Pessoa*

**Aqui está-se sossegado - Poesias Inéditas**

Aqui está-se sossegado,  
Longe do mundo e da vida,  
Cheio de não ter passado,  
Até o futuro se olvida.  
Aqui está-se sossegado.  
Tinha os gestos inocentes,  
Seus olhos riam no fundo.  
Mas invisíveis serpentes  
Faziam-a ser do mundo.  
Tinha os gestos inocentes.  
Aqui tudo é paz e mar.  
Que longe a vista se perde  
Na solidão a tornar  
Em sombra o azul que é verde!  
Aqui tudo é paz e mar.  
Sim, poderia ter sido...  
Mas vontade nem razão  
O mundo têm conduzido  
A prazer ou conclusão.  
Sim, poderia ter sido...  
Agora não esqueço e sonho.  
Fecho os olhos, oiço o mar  
E de ouvi-lo bem, suponho  
Que veio azul a esverdear.  
Agora não esqueço e sonho.

*Fernando Pessoa*

## Urgentemente

É urgente o Amor,  
É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras  
ódio, solidão e crueldade,  
alguns lamentos,  
muitas espadas.

É urgente inventar alegria,  
multiplicar os beijos, as searas,  
é urgente descobrir rosas e rios  
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros,  
e a luz impura até doer.  
É urgente o amor,  
É urgente permanecer.

*Eugénio de Andrade*

## As palavras

São como um cristal,  
as palavras.

Algumas, um punhal,  
um incêndio.

Outras,  
orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.

Inseguras navegam:  
barcos ou beijos,  
as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,  
leves.

Tecidas são de luz  
e são a noite.

E mesmo pálidas  
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem  
as recolhe, assim,  
cruéis, desfeitas,  
nas suas conchas puras?

*Eugénio de Andrade*

**As sem-razões do amor**

Eu te amo porque te amo,  
Não precisas ser amante,  
e nem sempre sabes sê-lo.  
Eu te amo porque te amo.  
Amor é estado de graça  
e com amor não se paga.  
Amor é dado de graça,  
é semeado no vento,  
na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários  
e a regulamentos vários.  
Eu te amo porque não amo  
bastante ou demais a mim.  
Porque amor não se troca,  
não se conjuga nem se ama.  
Porque amor é amor a nada,  
feliz e forte em si mesmo.  
Amor é primo da morte,  
e da morte vencedor,  
por mais que o matem (e matam)  
a cada instante de amor.

*Carlos Drummond de Andrade*

Pus o meu sonho num navio  
e o navio em cima do mar;  
- depois, abri o mar com as mãos,  
para o meu sonho naufragar  
Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas,  
e a cor que escorre de meus dedos  
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,  
a noite se curva de frio;  
debaixo da água vai morrendo  
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,  
para fazer com que o mar cresça,  
e o meu navio chegue ao fundo  
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;  
praia lisa, águas ordenadas,  
meus olhos secos como pedras  
e as minhas duas mãos quebradas.

*Cecília Meireles*